

## *Aves da Mata Atlântica em extinção*

Os ornitólogos, trabalhando sobre as aves do Brasil, estão muito preocupados com o processo de escasseamento das aves deste país. Há alguns anos apresentamos uma lista de cinquenta aves brasileiras raras ou ameaçadas de extinção (Sick & Teixeira, 1979). Para o nosso livro *Ornitologia brasileira*, no prelo na Editora da Universidade de Brasília, revimos a lista e chegamos a 52 espécies. A área mais atingida no processo de diminuição de aves é a Mata Atlântica.

A Mata Atlântica cobriu, antigamente, uma faixa mais ou menos larga, seguindo a costa e penetrando em parte profundamente no interior de todos os estados costeiros, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais, chegando, por exemplo, no Paraná ao Parque Nacional de Iguazu. A Mata Atlântica pluvial consiste, ecologicamente, de dois corpos de mata: a floresta litorânea (por exemplo, as matas ao norte do baixo Rio Doce, Espírito Santo) e a floresta de montanhas (por exemplo Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro), com clima, flora e fauna diferentes.

A Mata Atlântica foi outrora ligada à Floresta Amazônica, ocorrendo intercâmbio da fauna entre elas nessa época, entretanto, os dois corpos de mata se separaram há muito tempo. A Mata Atlântica, por sua vez, fragmentou-se em vários trechos, perdendo-se, também, o contato das suas faunas. Essa segregação das várias partes da Mata Atlântica tornou-se muito acentuada durante o tempo da colonização, quando o homem começou a cortar a mata para desenvolver a agricultura.

Foi, com efeito, no litoral que se iniciou o desenvolvimento econômico do Brasil, seguido por uma explosão populacional, que se acentuou nos últimos anos. A cobertura de mata dessas terras decresceu de, por exemplo, 90% a 5%, e muito menos.

Hoje, restam apenas manchas pequenas da Mata Atlântica, onde sobrevive uma fauna residual.

Os leigos costumam argumentar que essa perda não é tão grande, se considerarmos o tamanho imenso deste país e, em matéria de mata, a existência da Amazônia, há pouco ainda quase intocada. Tal conclusão é muito errada pois as aves de outras partes do país, menos atingidas pela civilização, não são as mesmas da Mata Atlântica. As pesquisas revelaram que a distribuição das aves é, às vezes, muito local, podendo ser restrita, por exemplo, a um único estado costeiro, como o Rio de Janeiro. Até na Amazônia se observa que a distribuição de certas aves às vezes é muito limitada. Um rio largo, como o Tapajós ou o próprio Amazonas, por exemplo, pode servir como barreira de distribuição, encontrando-se espécies ou subespécies diversas nas margens opostas do mesmo rio.

A brutal redução da Mata Atlântica é tanto mais lamentável sob o ponto de vista zoológico, uma vez que a área em questão — principalmente a Serra do Mar — é muito rica em endemismos: espécies que ocorrem exclusivamente neste domínio. Calculamos que existem na Mata Atlântica 82 espécies (e muito mais subespécies) endêmicas de aves. O total dos endemismos brasileiros em aves é 177, sendo 1.600 o total das aves do Brasil.

Muitas espécies da Mata Atlântica são muito pouco conhecidas. Às vezes se conhecem apenas alguns exemplares empalhados nos grandes museus do mundo, não se conhecendo, porém, nada da sua biologia, por exemplo tipo de ninho, ovos e filhotes, nem seu habitat (onde vivem) e seu alimento, nem sua vocalização. O cúmulo é que duas espécies, provenientes do Rio de Janeiro, foram descritas no século passado e depois nunca mais foram encontradas. Suas peles pertencem ao rol das maio-

res raridades museológicas, nem existindo em museus do Brasil. Tratam-se do papa-formigas, *Myrmotherula erythronotos* (Hartlaub), e do cotingídeo, *Calyptura cristata* (Vieillot).

Surpreendentemente, foi coletada em 1942, na Serra dos Órgãos, uma ave ainda não conhecida pela ciência, que ficou na coleção do Museu de São Paulo sem classificação até que fosse finalmente descrita como *Tijuca condita* Snow, 1980 (um cotingídeo, família da araponga). Apenas em 1982 se conseguiu achar o ambiente dessa ave: matas baixas de altitude (1.800m) na Serra dos Órgãos, jamais exploradas anteriormente por um ornitólogo. Quer dizer: possivelmente, aves até hoje desconhecidas, se escondem na Mata Atlântica, enquanto essa mata continua sendo sacrificada por todos os lados.

O caso mais alarmante é, atualmente, o do mutum-do-nordeste, *Mitu m. mitu*, descrita por Linnaeus em 1766, baseado numa pintura de Marcgrave, de 1648, de Pernambuco. A existência deste cracídeo permaneceu duvidosa até que Olivério Pinto (1952) redescobrisse a espécie em Alagoas, trazendo o primeiro exemplar da mesma para o museu. A colonização dessa parte da Mata Atlântica nos primórdios da História do Brasil, com o plantio da cana-de-açúcar, forçou a derrubada quase completa das ricas matas daquela região. Esta pressão fez com que o mutum-do-nordeste desaparecesse quase de todo. Como as derrubadas para o plantio de cana continuam, visando a produção de álcool combustível, o mutum-do-nordeste encontra-se extremamente ameaçado de extinção. Tendo sido ele uma das primeiras aves do Brasil a serem descritas, poderá, assim, vir a ser uma das primeiras a se tornar extintas.

Na mesma área do Nordeste ocorrem mais duas espécies de aves ameaçadas, o macuco-do-nordeste, *Tinamus solitarius pernambucensis* Berla, e a araponga-de-barbas, *Procnias a. averano* (Hermann).

Tenta-se, no caso do mutum e do macuco, a captura de exemplares nos locais onde ainda são encontrados, para tentar sua reprodução em cativeiro. Além disso, devem ser selecionadas, no Nordeste, áreas que possam vir a ser reservas para a futura reintrodução das aves criadas em cativeiro. Infelizmente a criação deste mutum não é fácil, e as últimas áreas apropriadas para ele no Nordeste, em breve não existirão mais, se não forem imediatamente protegidas.

Outra ave de grande porte que vive na área da Mata Atlântica, é o mutum-do-sudeste, *Crax blumenbachii* Spix. É concentrado hoje na Reserva Biológica de Sooretama, perto de Linhares, Espírito Santo. A situação desta espécie é melhor do que a do *Mitu*

*m. mitu*, tanto pela sua atual área de ocorrência como pela facilidade de perpetuação em cativeiro.

Mais um cracídeo ameaçado de extinção no sudeste do Brasil é a jacutinga, *Pipile jacutinga* (Spix). A espécie conseguiu se manter, embora em número muito reduzido, em certas matas menos atingidas pelo homem, por exemplo no Rio de Janeiro e em Santa Catarina. Há fotografias tiradas entre 1930 e 1940 que mostram caçadores ao lado de uma pirâmide de jacutingas mortas por eles, na região de Londrina, Paraná, onde a espécie atualmente já não mais ocorre. Naquele tempo, jacutingas chegaram a ser vendidas em feiras livres de Porto Alegre. Num relato de Fritz Müller a Charles Darwin, escrito em Itajaí, Santa Catarina, em 1868, consta: "Eu mesmo vi como meia dúzia de jacutingas foram mortas, uma após outra, na mesma árvore. Um vizinho meu contou-me que, há dois anos, abatera cerca de 100 jacutingas em um único pé de guarajuba. No inverno frio de 1866 apareceram tantas jacutingas nas baixadas do Rio Itajaí que, em poucas semanas, foram mortas aproximadamente 50.000". Não há faunas que agüente um abuso destes.

A reprodução da jacutinga em cativeiro não é problema, mas existe o grande perigo de indesejáveis cruzamentos com os cujubis, representantes mais comuns do gênero, que vivem na Amazônia.

Dos sete psitacídeos endêmicos da Mata Atlântica, o mais ameaçado é o papagaio-de-cara-roxa, *Amazona brasiliensis* (Linn.), uma das espécies mais raras e menos conhecidas do grande gênero *Amazona*, amplamente distribuído na região neotropical. Parece ser um representante sulista do chaurá, *Amazona rhodocorytha* (Salv.), também raro endemismo da Mata Atlântica. A ocorrência de *Amazona brasiliensis* parece ser restrita atualmente aos litorais do Paraná e de São Paulo. Estamos orientando uma pesquisa especial sobre ele, executada por Pedro Scherer Neto, de Curitiba, que vem dando bons resultados.

Entre os psitacídeos da Mata Atlântica são ainda bastante raros duas espécies pequenas de cauda curta, os apuins ou papagainhos, *Touit melano-nota* (Wied) e *T. surda* (Kuhl).

É grande o número de troquilídeos da Mata Atlântica ameaçados de extinção, pois sua distribuição é restrita a manchas residuais da floresta. Podem-se contar com sete espécies de beija-flores nessa situação, a maioria ocorrendo no Espírito Santo, onde foram descobertos por Augusto Ruschi. Uma das espécies mais ameaçadas é *Ramphodon dohrnii* (Bourc. & Muls.), ocorrendo do sul da Bahia (Monte Pascoal, observação própria em 1977) até o Rio de Janeiro.

A araponga, *Procnias nudicollis* (Vieill.), é ainda relativamente freqüente na Serra do Mar, ao contrário de dois outros cotingídeos de incomparável beleza: o crejoá, *Cotinga maculata* (Müll.), de plumagem azul brilhante e roxa, e um parente dele, o anambé-de-asa-branca, *Xipholena atropurpurea* (Wied). Torna-se escasso também o pavó, *Pyroderus scutatus* (Shaw), grande cotingídeo preto, de garganta vermelha, antigamente comum e perseguido como boa caça, que hoje se encontra extinto na maioria das florestas, como no Parque Nacional da Tijuca, onde foi outrora registrado.

Uma safra do Nordeste (Pernambuco, Alagoas), o pintor-verdadeiro, *Tangara fastuosa* (Lesson), é ameaçado pelo comércio ilegal de aves vivas; é muito procurado devido à sua plumagem multicolorida.

Espécie que já valeu como extinta é a safra-apunhalada, *Nemosia rourei* Cabanis, passarinho espetacular de garganta e papo vermelho-sangüíneo, do qual há muito não se tem notícias. É conhecido um único exemplar, depositado no Museu de Berlim. Encontramos, em agosto de 1941, um bando de oito indivíduos nas copas de árvores altas de uma mata primária no Espírito Santo, que hoje não existe mais.

Tornam-se escassas todas as aves cinegéticas e de grande porte, como macuco, inhambus e pompos. Resistem relativamente bem os jacus, *Penelope* sp. Torna-se difícil achar um dos grandes gaviões, como o gavião-pega-macaco, *Spizaetus tyrannus* (Wied) ou até o gavião-real, *Harpia harpyja*. Tucanos, araçaris, surucuás e pica-paus alegam ainda a Mata Atlântica, mas desaparecem quando as áreas florestadas são pequenas demais. Aves muito sensíveis contra a intervenção humana, é o surucuá, *Trogon* sp.

## Conclusões

O que podemos fazer para salvar a avifauna da Mata Atlântica? Temos que criar mais reservas, tarefa difícil em áreas de terras de preços exorbitantes, e fazer tudo para fiscalizar melhor essas áreas. precisamos também conservar as aves nos quintais, parques públicos e outros recantos urbanos, manejando adequadamente esses ambientes (Gonzaga, 1982).

As áreas oficialmente protegidas não devem, porém, ser pequenas demais para as aves, devendo ser respeitada a área mínima necessária para a sobrevivência de uma boa população de cada espécie, em particular, e do ambiente como um todo. Pesqui-

sas sobre o tamanho mínimo crítico de ecossistemas (dinâmica de fragmentos florestais) estão sendo realizadas em vários lugares. Na Amazônia é executado o maior experimento controlado de ecologia em curso no mundo. Desenvolvido conjuntamente pela seção americana do Fundo Mundial da Vida Silvestre e pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — INPA, o projeto pretende conhecer o espaço mínimo necessário à sobrevivência das espécies vegetais e animais daquela região, de modo a oferecer respostas científicas para o dimensionamento de futuros parques e reservas (Lovejoy, 1978, 1980, 1982, Cronkite, 1982). O projeto começou há quatro anos e abrange duas áreas distintas numa grande fazenda a 70km de Manaus. Só dentro de vinte anos o estudo terá chegado ao fim.

Já estamos quase perdendo a confiança no Governo, pois presenciamos a destruição de dois parques nacionais, Paulo Afonso e Sete Quedas, além da permissão para construção de uma estrada nociva ao Parque do Araguaia.

É o potencial econômico que manda. Vamos ser acusados pelas gerações vindouras de não ter sido capazes de preservar o nosso patrimônio mais valioso: a natureza, da qual depende a nossa própria vida.

## Bibliografia

- CRONKITE, W. A selva desvendada. *VEJA*: 42-3, 13 de jan. 1982.
- GONZAGA, L.A.P. *Conservação e atração das aves*. Rio de Janeiro, Fundação Brasileira para a Conservação da natureza, 1982. 54 p.
- LOVEJOY, T.E. *Tamanho mínimo crítico de ecossistemas*. Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1978.
- . Discontinuous Wilderness; minimum areas for conservation. *Parks*, 5 (2): 13-14.
- . Designing refugia for tomorrow. In: Prance, G.T. Biological diversification in the tropics. INTERNATIONAL SIMPOSIUM ASSOCIATION, 5. Caracas, 1979. New York, Columbia University Press, 1982. p. 673-80.
- PINTO, O.M.O. Redescobrimiento do *Mitu m. mitu* no nordeste do Brasil (Estado de Alagoas). *Papéis avulsos do Departamento de Zoologia*. São Paulo, 10 (19): 325-34, 1952.
- RUSCHI, A. *Beija-flores do Estado do Espírito Santo*. S. 1., Ed. Rios, 1982.
- SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira*. Brasília, Universidade de Brasília, S.d.
- . & TEIXEIRA, D.M. *Notas sobre aves brasileiras raras ou ameaçadas de extinção*. Rio de Janeiro. Museu Nacional, 1962.
- WETTERBERG, G.B. *Uma análise de prioridades em conservação da natureza na Amazônia*. Brasília, PNUD/FAO/IBDF/Ministério da Agricultura. Série Técnica, 8.

